

# O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DA ÁREA DA SAÚDE: PROFISSÃO E QUALIDADE DE VIDA<sup>1</sup>

*Soraya Diniz Rosa<sup>2</sup>*

**E**ste trabalho iniciou-se a partir do interesse em investigar a *qualidade de vida* universitária do docente que atua na área da saúde, considerando a multiplicidade de papéis que ele assume no cotidiano. O caminho percorrido foi o de procurar conhecer, interpretar e analisar esse papéis, tendo o papel profissional como referência.

Seu objetivo foi detectar as atividades ou situações de satisfação e prazer que o professor universitário considera importantes e significativas para garantir a *qualidade de vida* desejada, como se dá o equilíbrio entre essas atividades e com que padrão, intensidade e frequência elas acontecem.

Nesse contexto, buscamos conhecer o cotidiano do professor universitário, como ele se organiza para o desempenho de suas tarefas, como define seu papel profissional, qual o espaço que ocupa na academia, quais os motivos para a satisfação e a insatisfação no trabalho, a repercussão de seu trabalho fora da universidade e como se relaciona com as demais atividades do cotidiano.

A pesquisa teve dois enfoques:

- trabalho, as obrigações profissionais consideradas pelo tempo do trabalho; e
- o tempo livre, tempo de não obrigação, que gera a possibilidade do sujeito fazer coisas conforme sua vontade.

Entendemos a relevância do tema sob dois enfoques. O primeiro refere-se à percepção de que existem certas discrepâncias no cotidiano do professor universitário da

---

1. Mestrado em Educação, defendido em 30 de junho de 2000.

2. Terapeuta Ocupacional, professora da Universidade de Sorocaba – UNISO.

área da saúde, referentes à multiplicidade de papéis que ele assume, de forma que isso vai implicar em sua qualidade de vida.

O segundo enfoque está relacionado com uma possível reflexão sobre a ocupação humana no contexto psicodinâmico e social. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de compreender como esses professores da área da saúde ocupam os espaços e vão definindo uma própria cartografia estabelecida pelo tempo do trabalho e o tempo fora do trabalho.

A discussão sobre *qualidade de vida e trabalho* esteve pautada numa reflexão teórica com uma abordagem sociológica da sociedade contemporânea. Tomamos a atividade do trabalho profissional como eixo da análise, considerando sua importância e necessidade no contexto histórico e social, fazendo uma discussão sobre o papel do trabalho no mundo ocidental, através da reflexão desses termos.

Entendemos que a sociedade ocidental está estruturada ideologicamente por uma práxis voltada para a capacidade de produção. Com a revolução pós-industrial, o trabalho ocupou espaço central, de forma que a pessoa que perde o trabalho, perde, ao mesmo tempo, o sentido da vida. Na rotina do dia-a-dia, as pessoas permanecem a maior parte do tempo no trabalho, com horários, espaços e funções determinadas. Desta maneira, quase o tempo todo vira trabalho.

Caracterizamos o trabalho sob dois aspectos:

- enquanto produção, definido numa escala de valores em que o indivíduo responsável pela produção não tem acesso ao produto final (trabalho de exploração);
- o trabalho subjetivo, que garante a satisfação pessoal.

Diante desta reflexão surge a questão: existe solução para que o trabalho seja gratificante?

O trabalho gratificante foi entendido como produção subjetiva, enquanto elemento do *fazer* que expõe um desejo e uma vontade, significando a atividade de ocupação do cotidiano que propicia as relações consigo mesmo e com as outras pessoas, resultando nas interações.

Esse modelo parece ser o mais apropriado para a discussão dos grupos que escolhemos para estudo. Sendo assim, para o professor universitário da área da saúde é possível pensar o *trabalho* a partir do interesse dos sujeitos, o que implica a possibilidade de encontrar espaços suficientes para sua satisfação e realização.

A investigação desenvolveu-se conforme a metodologia da pesquisa qualitativa. Essa escolha justifica-se pela opção de identificar a imagem que cada professor faz do seu trabalho e da forma por que constrói sua vida. Nesse contexto, o que importa são as palavras e as imagens que cada entrevistado revela no momento da investigação.

Consideramos como instrumento da pesquisa a entrevista semi-estruturada, com vinte e quatro professores universitários da área da saúde, distribuídos em escolas de ensino público e privado, num total de dez universidades localizadas no estado de São Paulo, à exceção de duas, uma em Fortaleza (CE) e outra em Belém (PA). A análise dos dados considerou os pontos congruentes e as dessemelhanças entre esses subgrupos.

Trabalhamos com duas situações para a composição dos grupos: o primeiro referente ao modelo de instituição que o professor atua e o segundo relativo à área de formação profissional. No primeiro grupo, contemplamos dois subgrupos: os professores da rede pública de ensino e os profissionais da rede privada. No segundo grupo, destacamos os Terapeutas Ocupacionais e os demais profissionais da área da saúde (médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e dentistas).

Os professores entrevistados apresentam a seguinte imagem do seu papel profissional:

- professor como referencial de informação e facilitador do conhecimento;
- como responsável pela formação da identidade profissional do aluno;
- como provocador da aprendizagem, estimulando as reflexões sobre o espaço profissional, a carreira, as exigências individuais e coletivas;
- como acolhedor das dificuldades do aluno.

Embora a imagem do papel profissional esteja voltada para essas preocupações, os entrevistados relatam um certo conflito. Na medida em que o professor da área da saúde não foi preparado na sua graduação para assumir a atividade de ensino, a atividade didática, não se tem muita clareza de como conseguir esse modelo.

Dentro do papel profissional, foi destacado que o professor da área da saúde tem um papel de acolhimento, que é a possibilidade de acompanhar o aluno, acolher as dúvidas e ajudá-lo a resolver as dificuldades. Na maioria das vezes, o aluno é jovem, não sabe bem o que está buscando e tem dificuldade com as mudanças que a situação universitária pode promover: morar longe da família, adaptar-se a rotina universitária, organizar-se para a participação de projetos de pesquisa, etc.

Essas exigências profissionais geram um sentimento de impotência, no sentido de não estar conseguindo dar conta do recado.

Os grupos definem que o papel do professor universitário da área da saúde está articulado com quatro funções na academia: na atividade de extensão, na administração, na pesquisa e no ensino, propriamente dito. Embora, considerem que essas atividades sejam de grande importância, sentem-se mais valorizados quando estão desempenhando o papel de pesquisador.

Este trabalho deu destaque especial ao papel do professor na atividade de ensino. É que o professor universitário da área da saúde é *também* terapeuta. Esse duplo papel parece ser uma particularidade desse profissional. A justificativa é que o processo ensino/aprendizagem será contextualizado por uma situação que vai além da relação professor-aluno, pois envolve outro elemento: o paciente. Esse terceiro elemento diferenciador é um dos instrumentos provocadores da aprendizagem.

Esta condição de ensinar está estabelecida dentro de uma situação real, onde as respostas não estão prontas, mas vão ser construídas a partir da relação com o paciente, e o aluno participa desse processo de construção do conhecimento. Porém, se essa condição da prática de ensino pode facilitar o modelo do papel profissional destacado pelos entrevistados, nem sempre é confortável. Isso porque expõe-se demasiadamente o conhecimento teórico e prático do professor na medida em que favorece a crítica do aluno.

Outra questão é que os grupos entendem que esse duplo papel exige um duplo esforço: de um lado pelos pacientes que esperam do terapeuta um conhecimento apurado técnico-científico capaz de solucionar o seu sofrimento. Do outro, os alunos que desejam obter uma aprendizagem capaz de garantir boa formação profissional, que viabilize sua conduta prática. Essa exigência implica a garantia de que o processo ensino-aprendizagem seja suficientemente capaz de diferenciá-lo na disputa pelo mercado de trabalho. Demonstram a preocupação em encontrar formas possíveis de garantir essas respostas.

Referem também que o professor da área da saúde está voltado para uma dimensão humana e social, no exercício da sua profissão, na medida em que lida necessariamente com situações de vida e de morte, sofrimento, dor, incapacidades, miséria, fome, condições de moradia, desigualdades sociais, violência, exploração de trabalho. Nesse sentido, os professores têm a expectativa de poder formar profissionais comprometidos com as necessidades do homem no seu tempo, que sejam capazes de promover mudanças sociais.

Nessa dimensão, o professor tem a responsabilidade de ensinar a pessoa a ser, a saber fazer, a ter atitude construtiva e participativa, postura ética e atuação efetiva. Ele tem o desejo de proporcionar ao aluno um processo capaz de permitir uma reflexão crítica sobre sua ação, ou seja, repensar formas de comunicação e de intervenção nos serviços de saúde para criar alternativas que proporcionem espaços instituintes de cidadania.

Ao lado desse cenário, exigem respostas de como é possível garantir atividades que favoreçam a prática do ensino/aprendizagem. Consideram que o aluno está submetido a uma rede de informações e que, a partir da sua aproximação com o paciente, vai construindo formas de estar com o outro, de lidar com o medo das incertezas.

Essa situação de ensino implica estabelecer outro espaço para a aprendizagem, tanto para o docente como para o aluno. Para o professor, torna-se diferente a visão arraigada de uma aprendizagem atomizada, fragmentada, em que ele se encontra num lugar solitário, cujo domínio lhe confere a legitimação da certeza e da verdade. O aluno, por sua vez, não se limita a querer estudar a matéria para a prova com o objetivo de ir vencendo os créditos para conseguir o seu diploma.

Entendem que a mudança de modelo requer outro pensar a educação, que implique vivenciar outras dimensões do exercício profissional.

Num segundo momento, a pesquisa possibilitou levantar as dessemelhanças existentes entre os grupos de professores universitários da área da saúde.

Consideramos para análise o cruzamento dos dados. No primeiro momento, foram apreciados os relatos dos professores da rede pública de ensino e o dos da rede privada. Posteriormente, analisamos os subgrupos tomando como referência a formação profissional.

### *Os professores da rede pública de ensino e os da rede privada de ensino*

A lógica do assalariamento é diferente nos dois modelos de instituições de ensino. Os professores funcionários públicos submetem-se à crise que se abate sobre o Estado, de ordem estrutural, economicamente localizada nas universidades públicas, onde os

recursos materiais e humanos são precários e contribuem para o processo de pauperização do trabalhador. Referem a um total constrangimento, pois não sentem seu trabalho reconhecido e valorizado.

Por outro lado, os profissionais assalariados das empresas privadas de ensino inserem-se na lógica de valorização do mercado, submetendo-se a um regime capitalista da produção e do lucro.

Outra situação diferentemente vivenciada pelos dois grupos diz respeito ao contrato de trabalho. Na escola pública, o professor, na maioria das vezes, tem dedicação exclusiva e cumpre carga horária de quarenta horas aulas semanais, o que é tido como suficiente para o desenvolvimento dos outros papéis. No setor privado, o valor e as condições de venda da sua força de trabalho estão determinadas por hora trabalhada e o profissional permanece na escola apenas o tempo suficiente para cumprir sua carga horária.

A situação de contrato de trabalho conduz ao maior ou menor investimento da instituição em projetos de incentivo ou de ensino continuado. Nessa ordem, o professor da escola pública tem garantido os cursos de especialização e desempenha projetos de pesquisa com maior frequência e disponibilidade. Nas escolas particulares a pesquisa está abaixo numa escala de prioridades, ficando a critério do professor esse investimento.

Outra situação apontada é que professor da escola pública mantém a expectativa de devolver à comunidade bons profissionais, tentando retribuir de alguma forma, o benefício recebido pela sociedade. Refere ter um dever social e uma forma de pagamento é contribuir para que mais profissionais possam investir no atendimento à saúde. Os profissionais da rede privada de ensino não se sentem endividados com a sociedade, embora sintam a responsabilidade pela formação profissional do aluno e desejem lançar no mercado pessoas competentes.

#### *Os terapeutas ocupacionais e os outros profissionais da saúde*

Para o grupo de terapeutas ocupacionais, ser professor é uma situação circunstancial, no sentido de que não existe, ainda, nessa profissão a tradição acadêmica. Em outras áreas, grande número de especialistas disputa vaga na universidade.

O curso de Terapia Ocupacional no Brasil é recente. Apenas a partir da década de setenta, com a expansão das escolas de nível superior por todo o país, que ficou possível um maior número de professores terapeutas ocupacionais estar na universidade.

A ocupação desse espaço veio favorecer a abertura de mercado de trabalho. Num primeiro momento, seria mais uma opção de trabalho, mas a criação desse espaço possibilita o crescimento da profissão, uma vez que a instituição universitária proporciona a interação dos cursos, a experimentação de diversos papéis, a divulgação da profissão, o aprimoramento formal, a constituição das áreas de pesquisa, entre outras.

#### **Considerações finais**

Os professores entrevistados referem que várias atividades fazem parte da sua rotina de vida e estabelecem dois grandes eixos:

- trabalho profissional;
- as atividades do tempo livre.

Para eles, ser professor da área da saúde tem sido um papel controverso, de muitos momentos gratificantes, mas também de muito sofrimento. O trabalho quando representa uma atividade gratificante e toma dimensão prazerosa, é pela possibilidade de produzir coisas e de criar espaços que valorize as pessoas e a vida. Toma lugar de destaque nas suas rotinas de vida, como uma atividade necessária e inevitável à própria sobrevivência. Para os entrevistados, é na interação com os alunos e nas relações estabelecidas com os pacientes que se dá a gratificação profissional.

Por outro lado, ele compromete grande parte da rotina do professor que assume um volume de atividades complexas e diversificadas, demandando uma organização do espaço e do tempo para seu cumprimento.

A universidade faz uma série de exigências que nem sempre é vantajosa e estimulante para o professor. A estrutura acadêmica impõe um ritmo de trabalho acelerado e complexo, havendo desdobramento do papel do professor no ensino propriamente dito para os demais papéis de competência da categoria.

Os entrevistados afirmam que fazer parte da equipe de saúde é primeiramente trabalhar com a dicotomia dos modelos. Em se tratando do modelo de saúde, o que se vê é a predominância do modelo anátomo-fisiopatológico, centrado na doença.

A carga de sofrimento pode ser maior quando o papel se desdobra para dentro da academia. Nesse sentido, parte dos sujeitos entrevistados analisa que cuidar da saúde do outro significa uma exigência pessoal: estabelecer uma condição de vida que possa garantir a promoção da saúde. Porém, nem sempre a rotina diária estabelecida garante que as condições de trabalho favoreçam o próprio bem estar.

### *O tempo livre*

Os professores entrevistados contam que, tirando o trabalho profissional, o outro tempo, na maioria das vezes, fica estabelecido para estar com a família, cuidar dos filhos e da casa.

Embora as atividades de vida diária não sejam valorizadas, até porque não exigem qualquer esforço intelectual, são habituais e significativas no contexto de que elas dão o suporte para a organização de um estilo de vida saudável, promovendo o autocuidado e a automanutenção.

Segundo Hahn (1994:34) as atividades de vida diária são recursos do dia-a-dia que interferem na boa qualidade de vida das pessoas; “a promoção da saúde tem a ver com o dia-a-dia saudável, de tal modo que o indivíduo possa usufruir o melhor que a vida tem a oferecer, seja da forma como ele se alimenta ou como ele lida com o estresse”.

De um certo modo, essas atividades são definidas segundo a divisão sexual do trabalho, em que a dinâmica familiar é apresentada sob dois aspectos: as mulheres assumem, na maioria das vezes, o papel de cuidar dos filhos e de organizar grande parte das atividades domésticas.

Embora apareça, em alguns casos, executando algumas dessas tarefas, o homem assume um papel secundário, como auxiliar e não como o responsável por esses encargos. Até porque não faz parte de um fazer rotineiro, mas esporádico.

Porém, apenas a minoria apresenta um discurso que contradiz a condição de somente as mulheres terem terceiro turno. Foi lembrada a situação do homem que mora sozinho e tem de lidar com essa situação. Nessa ordem, o homem também precisaria assumir a organização da casa.

As atividades do trabalho familiar, se, por um lado, derivam em situações que exigem maior esforço e cansaço, por outro, traduzem sentimento de prazer. Os professores entrevistados dizem que estar em casa pressupõe poder ter muita satisfação. Apontam as seguintes possibilidades: namorar, estar com o marido, cuidar, brincar e passear com os filhos, visitar e estar com os pais, participar de encontros familiares.

Os grupos apontam que o tempo para consigo mesmo, na maioria das vezes, fica relegado a terceiro plano, porém justificam a necessidade de garantir um espaço de lazer. Definem como atividades de lazer reuniões informais, encontros com os amigos, cinema, teatro, música, shows, dança, leitura, caminhadas, exercícios físicos e esportivos, pescaria, passeios, viagens para a praia e para o campo.

A maioria dos professores garante que essas atividades dão muita satisfação, possibilitam maior sensibilidade e geram a descoberta de harmonia interior. Elas representam um mecanismo que colabora para a estruturação da vida, sendo importante no equilíbrio e a saúde das pessoas.

Embora compreendam que a garantia desses espaços seja imprescindível para manter uma boa qualidade de vida, a conciliação entre o trabalho e o tempo livre não tem sido tarefa de fácil resolução. Os professores entrevistados enfrentam esse conflito.

## REFERÊNCIAS

- BAGNATO, M. H.; COCCO, M. I. M.; DE SORDI, I. M. R. L. (orgs.). **Educação, saúde e trabalho. Antigos problemas, novos contextos outros olhares.** Campinas: Alínea, 1999.
- BARBOSA, J. A. S. **O Lazer como elemento construtivo no *modus vivendi* do homem de nossos dias.** Dissertação (Mestrado) – UNIMEP, Piracicaba, SP, 1992.
- BATISTA, N. A. **Conhecimento, experiência e formação: do médico ao professor de medicina.** Dissertação (Mestrado) – UNIFESP/EPM, São Paulo, 1997.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1992.
- DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre.** São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.
- EMMEL, M. L. G. e LANCMAN, S. Quem são nossos mestres e doutores? O avanço da capacitação docente em Terapia Ocupacional no Brasil. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, São Carlos, UFSCar, 1998, v. 7, n. 1, p. 29-38.
- HAHN, M. S. **Estudo da clientela de um programa de atenção em saúde mental junto ao estudante universitário de São Carlos.** Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1994.
- MARCONDES, E.; LIMA, E. **Educação médica.** São Paulo, Sarvier, 1998.
- MENDES, R. **Patologia do trabalho.** Belo Horizonte: Atheneu, 1998.

MONACI, E. M. **A vivência de felicidade e/ou bem-estar de professores no ambiente universitário.** Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 1995.

PENTEADO, S. A. T. **Identidade e poder: um estudo da gestão compartilhada na universidade.** Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 1996.

ROLIM, I. **Educação e lazer.** São Paulo: Ática, 1989.

SPINK, M. J. Regulamentações das profissões de saúde: o espaço de cada um. **Cadernos FUNDAP.** São Paulo, v. 5, n. 10, 1985.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento do cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOARES, L. B. T. **Terapia Ocupacional. Lógica do capital ou do trabalho?.** São Paulo: Hucitec, 1991.